

A Vida Continua

Durou pouco a impressão de que o Brasil viveria tempos de prosperidade a partir deste ano. Em janeiro, o próprio governo chegou a prever crescimento do PIB acima de 4% em 2001, desempenho que se repetiria em 2002. O cenário, porém, mudou da noite para o dia. O que era rosa ganhou tons cinzentos. Vários fatores negativos se acumularam rapidamente. A aterrissagem da economia dos Estados Unidos não só se confirmou, como contaminou a União Européia e reduziu a pó qualquer possibilidade de recuperação do Sudeste Asiático, principalmente do Japão. Aqui do lado, a Argentina perdeu o rumo e entrou em trajetória de *default* inevitável. Nem todos os males vieram de fora: a burocracia estatal deu sua cota com a imprevidência que resultou no rationamento de energia. Em questão de meses, o mar virou sertão. E a abundância, escassez.

A mudança radical de cenário, agora duro e complicado, obrigou o governo Fernando Henrique a adotar um Plano B, com ajuste ainda mais rigoroso nas contas públicas. Mas, dificilmente, as medidas de ajuste fiscal serão suficientes para enfrentar o abalo da economia mundial provocado pelo ataque terrorista que destruiu o World Trade Center e parte do Pentágono. Horas depois do atentado, formou-se nos principais centros financeiros consenso sobre a pesada conta a pagar. De imediato, surge o problema das seguradoras que garantiam as torres gêmeas. Dúvida-se de sua capacidade para honrar o compromisso, o que leva a temer-se tremor no negócio de seguros. Outro setor afetado é o mercado financeiro, pois funcionavam nas torres e nos seus arredores várias instituições financeiras e dependências da Bolsa de Nova Iorque. Também passarão por maus momentos as empresas aéreas, devido à retração do público, chocado com o que aconteceu. No plano macroeconômico, o atentado deverá provocar crise de confiança dos consumidores e investidores, acentuando o desaquecimento nos Estados Unidos.

Nestes tempos de globalização, o pé no freio da maior economia do mundo – dependendo da intensidade da freada – terá efeito perverso sobre países emergentes como o Brasil, que necessitam de recursos externos para o equilíbrio de suas contas externas. Com os americanos avessos a correr novos riscos, estima-se que o fluxo de capital no mercado internacional se reduzirá de forma abrupta. Também os europeus tenderão a dar prioridade às suas necessidades internas. Para o corrente ano, o Brasil ainda conta com a linha de crédito do FMI, de US\$ 15 bilhões. Mas precisa de US\$ 54 bilhões para 2002 e sofrerá o diabo se a fonte externa secar. Pior ainda se vingar a visão alarmista que aposta em disparada dos preços do petróleo e do gás, como consequência de terrível represália dos EUA a países árabes.

É perder tempo, porém, jogar com a hipótese do Armagedon ou da III Guerra Mundial. A atitude mais prudente é preparar o país para as reais dificuldades criadas pelo ato terrorista. O Federal Reserve, certamente, usará de todos os meios para atenuar ao mínimos os efeitos da tragédia sobre a economia americana. Dará suporte às seguradoras e às instituições financeiras, e convidará os grandes bancos a formar uma rede de segurança. O Brasil, contudo, não pode contar com isso. Tem de se preparar para o solavanco. Os tempos já eram difíceis e aumenta o risco de o comércio e as finanças internacionais descerem a ladeira. Se o governo havia preparado um Plano B, deve arregaçar as mangas e traçar as bases de um Plano C, para a situação de emergência.

Mesmo que não se confirmem as previsões apocalípticas, o regime de sobreaviso é necessário. Mas o mais importante de tudo é manter a calma e continuar fazendo o dever de casa a fim de tornar a economia brasileira menos vulnerável a maus ventos que soprem do exterior. Há muito trabalho pela frente e muita reforma por fazer. A vida continua.